



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 10, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 10 -ENSINO SUPERIOR

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.10.28>

Recebido em: **04/08/2020**

Aprovado em: **07/08/2020**

ENSINO SUPERIOR E A HERMENÊUTICA FENOMENOLÓGICA EM ATOS DE CURRÍCULO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA; EDUCACIÓN SUPERIOR Y HERMENÉUTICA FENOMENOLÓGICA EN ACTOS CURRICULARES DEL CURSO DE LICENCIA EN PEDAGOGÍA; HERMENEUTICS IN CURRICULUM ACTIVITIES OF THE LICENSING COURSE IN PEDAGOGY

SANDRA SUELY DE OLIVEIRA SOUZA

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-8204-8689](https://orcid.org/0000-0001-8204-8689)

RESUMO: Este artigo é o resultado de um estudo realizado na perspectiva de investigar a tessitura da reforma curricular do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié a título de interpretar o acontecimento. Para o estudo tomamos por acento a hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur tendo como fio condutor as narrativas em torno da política de sentido desenhada na trama. A pesquisa foi delineada pela abordagem qualitativa de cunho fenomenológico. Desse modo, fizemos o entrecruzamento do conceito de reconhecimento com o conceito de ‘atos de currículo’ numa hermenêutica da ação curricular pelo viés ontológico. Importante destacar que o desfecho da reforma curricular se configurou num cenário onde plasmaram condutas, sentimentos e posicionamentos entre os sujeitos, marcado por uma política de sentido em atos de currículo delineado por conflitos pessoais, articulações, contradições e disputas.

ABSTRACT: This article is the result of a study carried out in order to investigate the context of the Curriculum reform of the Pedagogy Course in the State University of Southwest Bahia, campus Jequié, in order to interpret the event. For the study, we took Paul Ricoeur's phenomenological hermeneutics as an accent, with the narratives around the politics of meaning drawn in the plot as the guiding thread. The research was outlined by the qualitative approach of a phenomenological nature. In this way, we interwoven the concept of recognition with the concept of curriculum acts in a hermeneutics of curricular action through an ontological bias. It is important to highlight that the outcome of the curricular reform was configured in a scenario where behaviors, feelings and positions among the subjects took shape, marked by a policy of meaning.

RESUMEN: Este artículo es el resultado de un estudio realizado con el objetivo de investigar el tejido de la reforma curricular del curso de Pedagogía en la Universidad Estatal del Suroeste de Bahía, campus de Jequié, para interpretar el evento. Para el estudio, tomamos la hermenéutica fenomenológica de Paul Ricoeur como un acento, con las narraciones en torno a la política del significado dibujado en la trama como hilo conductor. En este sentido, la investigación fue delineada por el enfoque cualitativo de naturaleza fenomenológica. De esta manera, entrelazamos el concepto de reconocimiento con el concepto de actos curriculares en una hermenéutica de la acción curricular a través de un sentido ontológico. Es importante resaltar que el resultado de la reforma curricular se configuró en un escenario donde se moldearon conductas, sentimientos y actitudes entre los sujetos, señalado por una política de sentido en ‘actos de currículo’ esbozados por conflictos personales, articulaciones, contradicciones y disputas.

INTRODUÇÃO

O artigo é o resultado de um estudo realizado na perspectiva de investigar a tessitura da reforma curricular do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié com vista a fazer uma hermenêutica do acontecimento. Para o estudo tomamos por acento a hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur tendo como fio condutor as narrativas em torno da política de sentido desenhada na trama. Nesse sentido, a pesquisa foi delineada pela abordagem qualitativa de cunho fenomenológico. Desse modo, fizemos entrecruzamento do conceito de reconhecimento com o conceito de atos de currículo numa hermenêutica da ação curricular pelo viés ontológico.

Na dinâmica de tessitura do novo currículo, percebemos que este não é um conjunto neutro de conhecimento, mas o resultado da visão de um grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. O processo de definição não aconteceu de forma tranquila, mas tecido em meio às tensões, conflitos, negociações, articulações e concessões tecido na arena de debates entre pessoas autorizadas a pensar/definir/gestar o conhecimento corporificado por trocas intersubjetivas. O processo histórico de tessitura da reforma aconteceu em três momentos, reflexo da transitoriedade/mobilidade/descontinuidade/circularidade e não linearidade/ rigidez/ mecanicidade/previsibilidade na produção de currículo.

Com esse olhar, a problemática da pesquisa foi se mostrando gradativamente, quando compreendemos que a tessitura de um currículo não é um empreendimento que se concebe de forma aligeirada, com retoques, ajustes/adaptações, ou restrito a poucas vozes para decidir a natureza e o alcance de um curso. Outro fator considerado foi por perceber como era recorrente a descontinuidade dos debates dentro da universidade, a falta de vigor, de aventura pensante no sentido de coletivizar mais as discussões no processo da reforma curricular. Frente a não implicação de muitos docentes no processo, e a distância de muitos discentes ao não se inteirarem sobre o que estava acontecendo, percebemos que o currículo produzido reflete nossas atitudes, escolhas e o discurso que produzimos.

O fio da pesquisa se direcionou pela tentativa de narrar o processo a fim de compreender a dinâmica produzida no contexto discursivo. Portanto, ao resgatar o desfecho desse acontecimento, consideramos a relevância de se fazer um resgate histórico com vistas a valorizar o empenho, o envolvimento e o tempo dedicado pelas pessoas que se dispuseram a contribuir para dar um novo rumo ao curso de Pedagogia em Jequié.

Portanto, o contorno da pesquisa seguiu no intuito de transitar pela hermenêutica, na perspectiva de desvelar um cenário intersubjetivo produtor de articulações, contradições, opacidades e disputas produtoras de sentido, fruto da complexidade humana. Desse modo, a partir das narrativas produzidas pelos membros das comissões instituídas em três momentos da reforma, nos inquietamos em procurar saber como se configurou o processo de tessitura da reforma curricular do curso de Pedagogia da UESB, campus de Jequié? Quais as posições tomadas entre as pessoas envolvidas no processo, para dar corpo ao novo currículo?

Para definir o fio apropriado na costura do tecido teórico-metodológico, o rigor do estudo foi preciso. A intenção foi desenvolver um trabalho propositivo no rigor flexível. Assim, pouco a pouco a pesquisa foi se encaminhando pelo viés da fenomenologia, por entender que as questões humanas escapam ao olhar fixante do cientificismo ao se firmar na exatidão e na perspectiva de encontrar uma verdade, verdade esta inacessível aos olhos humanos.

Estamos em um momento em que suscita do pesquisador, uma nova perspectiva de ciência para investigar as questões sociais, políticas e educacionais, em virtude da complexidade em torno desses fenômenos. Cabe ao pesquisador um olhar atento às sutilezas que não aparece de imediato. Como também, postura flexível para perceber as novas demandas socioculturais que requer do pesquisador,

atitude de mobilidade e plasticidade para propor novas formas de pesquisa incorporando-se a esta realidade. Com esse entendimento, percebemos que as metodologias qualitativas inseridas nessa conjuntura, tem obtido grande visibilidade, por possibilitar ao pesquisador vislumbrar novas perspectivas para a compreensão do fenômeno educacional na recomposição do corpo de conhecimentos organizados, com vistas a ampliar a textura do fenômeno atento as mais variadas realidades.

Vale ressaltar que não intencionamos fazer uma análise da nova proposta curricular implementada, mas sim, fazer uma hermenêutica em torno do fenômeno que se mostrava complexo e dinâmico. Portanto, ao transitar por tal realidade, o enfoque da pesquisa numa abordagem qualitativa, assumiu uma posição pertinente, a título de interpretar a dinâmica do acontecimento da reforma curricular que se desenhava numa composição gestada por valores, posicionamentos, atitudes e intenções, fruto das relações intersubjetivas do mundo humano. Segundo Ghedin e Franco (2011), não existe pesquisador que, ao se deparar com o cotidiano de qualquer prática educacional, não tenha feito descobertas fascinantes e, à primeira vista, não imaginadas. Com o ímpeto de fazer tais descobertas, não nos refutamos em mergulhar nesse empreendimento.

Por que uma hermenêutica fenomenologia?

O desfecho da reforma curricular do curso de Pedagogia em Jequié foi um acontecimento marcado por alterações tanto temporal quanto textual. Não foi tecido puramente como texto teórico, legal e deliberativo para compor um Curso. Foi mais que isso, tomou a proporção de definir comportamentos, sentimentos, posicionamentos dentro da universidade. Foi um acontecimento demarcado por uma política de sentido estruturante dos atos de currículo no âmbito existencial. Marcou um período histórico do curso de Pedagogia, cujo desfecho ocupou a vida das pessoas que se envolveram na trama, e essa experiência possibilitou outros sentidos a suas itinerâncias profissionais. Teve investimento individual e coletivo por parte das pessoas que efetivamente protagonizaram o processo de tessitura do Currículo nos respectivos períodos que trabalharam nas Comissões. A trama demandou encontros, desencontros, reencontros, desvios, silenciamentos e rupturas, inclusive afetivas. Por tudo descrito, vimos uma polissemia do currículo como fenômeno a ser interpretado. Giorgi (2010) diz que numa perspectiva científica, a fenomenologia é entendida como caminho para desvelar os diversos estilos e manifestações da consciência sob seus aspectos concretos e materiais, no âmbito social e cultural. O referido autor adverte que a fenomenologia quando explorada numa abordagem científica de cunho qualitativo, é compreendida como caminho teórico radical por se tratar de fenômenos humanos. Esse caminho numa pesquisa científica não coloca um a priori ao conteúdo do fenômeno, por ser uma abordagem aberta a possíveis encontros com o inesperado. Portanto, não está presa a hipóteses, conceitos e categorias exteriores ao fenômeno com a finalidade de dar conta deles. Ela se limita a uma descrição da maneira como o fenômeno se apresenta. Critelli (2007) diz que a fenomenologia é uma perspectiva, um ponto de vista entre outros. Ou seja, o reconhecimento da relatividade dessa perspectiva é simultâneo ao reconhecimento da relatividade da verdade. Nesse sentido, o caminho pretendido para a pesquisa foi uma escolha sem a pretensão de explicar puramente o acontecimento, mas, mais que isso, tentar compreender pelo viés da fenomenologia, a sutileza da trama, tomando por acento o modo humano de agir no tecido dos fios intersubjetivos produtores de significações.

Com esse entendimento, foi possível encontrar na fenomenologia a possibilidade de conhecer uma possível e momentânea verdade de alcance relativo dentro do mundo e não fora dele, pois, é no mundo onde o homem se depara com situações de angústias, sensações, conflitos, contradições e por isso mesmo, repleto de humanidade. A fluidez da fenomenologia se instaura na angústia:

Enquanto a metafísica instaura a possibilidade do conhecimento sobre a segurança da precisão metodológica do conceito, a fenomenologia o instaura sobre a angústia. Enquanto a metafísica

reconhece a possibilidade do conhecimento fundada na relação entre sujeito epistêmico e seu objeto, tomando-o como resultante de uma produção humana – a representação –, a fenomenologia funda sua possibilidade na própria ontologia humana – ela é uma das condições em que a vida é dada ao homem. Enquanto a metafísica fala de forma lógica do ser, a fenomenologia fala dos modos infundáveis de se ser (CRITELLI, 2007, p.15).

O Ser na perspectiva abordada pela autora se aproxima da concepção filosófica cunhada por Heidegger, como um modo de ‘ser no mundo’, de habitar o mundo, de instalar-se nele, de conduzir a vida e a dos outros homens com quem convive. Esse entendimento toma como acento o modo humano de ser-no-mundo. Essa visão visa liberar o homem das ataduras do ideário iluminista e aponta um novo caminho, uma abertura para a constituição existencial do homem. Macedo (2004) acredita que não deve existir sujeito sem mundo, nem mundo sem sujeito no sentido fenomenológico.

Conduzindo a pesquisa por essa perspectiva, foi preciso realçar alguns pontos. Em primeiro lugar a fenomenologia trata do fenômeno da consciência no sentido mais amplo, levado ao estudo descritivo dos fenômenos que se oferecem a totalidade das experiências humanas, a fim de tornar possível uma reflexão acerca da descrição das coisas tal como elas se manifestam em sua pureza original. O termo experiência para Husserl é a característica principal da consciência, tomada por ela como a intuição (GIORGI, 2010). Quanto ao fenômeno, este tem uma significação específica na fenomenologia cunhada por Husserl como presença daquilo mesmo que é dado, ou seja, como é dado ou sentido. Assim, a fenomenologia não se propõe estudar puramente o Ser, nem puramente a representação do Ser, mas o Ser tal como e enquanto se apresenta à consciência como fenômeno. A tarefa da fenomenologia é, pois, perceber a significação das vivências da consciência. A análise exige, geralmente, que a significação fenomenal seja ligada à significação objetiva do objeto a fim de obter maior clareza deste, porém, visando apreender a significação tal como ele se dá. Finalmente, uma perspectiva fenomenológica, perpassa pela intencionalidade. Para Husserl, a intencionalidade é uma dimensão essencial da consciência na medida em que a consciência é sempre dirigida a um objeto (GIORGI, 2010).

O referido autor argumenta que essa ideia é importante para as ciências humanas, já que ela permite superar a compreensão cartesiana de sujeito-objeto, a favor uma compreensão elegida sob um ponto de vista estrutural e global. Nesse sentido, a fenomenologia não se limita a um mero discurso conceitual a ser definido, mas à significação de uma essência existencial. A intencionalidade diante do fenômeno é o lançar propositivo a fim de dizer em que sentido há sentido, melhor dizendo, o desvelar dos sentidos do fenômeno, pois este nos possibilita perceber que no fenômeno há mais sentido além do que podemos dizer. Isso significa a superação do essencialismo no que tange a ideias claras e distintas apregoada pelo cartesianismo, ou a superação do pretencionismo de uma filosofia da evidência. Ao contrário, a fenomenologia nos põe diante de uma realidade complexa, ambígua onde os diversos sentidos se articulam na trama constitutiva do discurso existencial, cujo fenômeno aparece desde o início como uma realidade típica do mundo humano. Cabe, portanto, a necessidade de recorrer ao discurso descritivo para aproximarmos ao máximo da densidade semântica do fenômeno humano.

Toda significação é significação de existência e esta é significativa. Assim, a fenomenologia se interessa pela história dos fenômenos e a lógica que existe na articulação de suas diversas manifestações. Desse modo, além de perceber o sentido da história no mundo já constituído, o homem pode ainda dar sentido, mudar rumos, fazer revoluções, pois como ser-no-mundo-com, o homem percebe a si mesmo e se lança da palavra para fazer história (REZENDE, 1990).

Ao debruçarmos na filosofia de Paul Ricoeur (2008), encontramos uma fenomenologia da existência para o conhecimento de si. Ele propõe uma hermenêutica fenomenológica do Ser que narra e narra-se, onde o homem falante se compreende pela reflexão em torno do homem que age no-com o

mundo. Assim, é em nós mesmos que devemos buscar primeiro a natureza do conhecimento humano, e isso acontece segundo nossos próprios limites corporais e mentais, perceptuais e conceituais, sempre necessariamente determinados e agenciados em algum momento da história, por meio de indivíduos criadores e/ou indivíduos destruidores (GALEFFI, 2009, p. 22).

O caráter polissêmico da conversação converge às palavras para mais de uma significação e a sensibilidade ao contexto é o complemento necessário que põe em jogo a atividade de discernimento entre os interlocutores. A interpretação consiste em reconhecer qual a mensagem que o locutor construiu, apoiado na base polissêmica do léxico comum. Produzir um discurso relativamente unívoco com palavras polissêmicas, identificar essa intenção de univocidade na recepção das mensagens é o papel da hermenêutica. Ela é a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos (RICOEUR, 2008, p. 23).

Ao considerar o currículo como fenômeno, como facticidade, reconhecemos que se trata de uma experiência profundamente humana. As pessoas que protagonizaram o desfecho da reforma estiveram implicadas no processo e foram convocadas a lidar com situações de conflito. Numa polissemia configurante, o currículo se mostrou no seio das relações, de intenções humanas, de grupos que se articularam, possibilitando assim, uma construção propositiva e provocativa nos ‘atos currículo’ como preconiza Macedo (2011), precisamente ao colocar em evidência o sentido existencial de cada pessoa na experiência de pensar, discutir, propor e gestar o currículo.

Para tanto, lançamos mão dos documentos produzidos e arquivados no decorrer da reforma, bem como, entrevistas realizadas com onze professores que fizeram parte das comissões nos diferentes momentos, e três discentes egressos (cada um em um período) que também atuaram no processo. A respeito da configuração do estudo, a fenomenologia foi o caminho escolhido por entender que o olhar sobre o fenômeno não é único, mas uma perspectiva entre outros. Portanto: “o reconhecimento da relatividade da perspectiva é, simultânea e necessariamente, o reconhecimento da relatividade da verdade” (CRITELLI 2007. P. 13).

O caminho pretendido foi uma escolha sem a pretensão de explicar o acontecimento, mas a sutileza da trama, sobre o modo humano de ser-no-mundo-com tecido por fios de significações. Desse modo, o estudo seguiu pela hermenêutica do currículo com vistas a interpretar as sinuosidades dos movimentos e desdobramentos nos debates, articulações e decisões até a materialização de um novo desenho curricular.

Em vista do que pretendia, escolhemos transitar pelos pressupostos de uma pesquisa que ajudasse a caminhar sem a pretensão de dar respostas, mas que possibilitasse dialogar com a ontologia humana, a fim de refletir para tentar compreender o ser-no-mundo-com, de como se cria possibilidades, ou, tecer aventuras na arena das relações intersubjetivas. Por esse caminho inclinamos o interesse pela pesquisa em currículo com olhar hermenêutico sem a pretensão de dar respostas, mas explorar as memórias compartilhadas. De acordo com Ricoeur:

Da memória compartilhada passa-se à memória coletiva e a suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição: foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória, anterior às expressões e às fixações que fizeram a fortuna ulterior dessa expressão (RICOEUR, 2007, p. 157).

O autor nos esclarece que mediante os testemunhos vivenciados nas construções ontológicas, os compartilhamentos de experiências pelos discursos são transformados, ressignificados e lançados ao mundo. Com esse entendimento, narramos a trajetória da reforma curricular, considerando que esse acontecimento não poderia ser esquecido, não poderia ser legado a um acontecimento banal, como mais um episódio deliberativo entre as demandas de trabalho dentro da universidade. Essa história merecia ser narrada e registrada, para que não se apagassem os rastros desse acontecimento de nossas

memórias. Vale destacar, que a história se faz a partir de acontecimentos e reconhecimentos, ao lembrar, narrar, compartilhar, aproximar discursos e gera a similitude nos diálogos entre os sujeitos. Com esse entendimento, procuramos dialogar com as pessoas que vivenciaram o acontecimento da reforma. Ricoeur (2007, p. 133) diz: “É no quadro do pensamento coletivo que encontramos os meios de evocar a sequência e o encadeamento dos objetos. Somente o pensamento coletivo consegue realizar essa operação”. A história se faz no espaço-tempo, e graças à memória individual e coletiva, os acontecimentos compartilhados através das narrativas como testemunho, ajudam a rememorar e a construir e reconstruir caminhos e saberes de si com o outro numa história que é de todos nós.

A hermenêutica ricoeuriana se mostrou como adequado caminho de compreensão do discurso ou da ação, configurando-se como processo mimético. Por isso sinalizamos que ele vai além das controvérsias para criar um estilo próprio da filosofia quando assume a tarefa de instigar conhecer o si mesmo fazendo o desvio pela interpretação dos signos por meio da existência. Pode-se dizer que Ricoeur é considerado pensador polimórfico, pois pensa em evolução e movimentos a partir desses operadores citados que implicam à dinâmica da compreensão e da explicação. A sua extensa obra caracteriza-se não só pela diversidade dos temas, como também, pelo retorno sucessivo a interpretações que faz a partir desses temas, sendo, portanto, inevitável fazê-lo, face à natureza ontológica da hermenêutica, enquanto um processo de autorreflexão do sujeito, sempre a partir de suas mediações culturais e, especificamente, textuais. A partir dessas mediações surgem às criações que o próprio sujeito elabora não como um processo de auto-constituição, mas como resultado de algo que se lhe tornou externo e autônomo - o mundo do texto.

No momento em que os protagonistas fizeram suas narrativas sobre o acontecimento, reconstituíram atos de currículo. O currículo é a grande obra lida por cada sujeito. Sendo assim, o currículo como obra lida, foi pré-figurado a partir das referências de cada sujeito sobre o conceito de currículo e configurado ao narrarem sobre o sentido de currículo para si. Por sua vez, ao narrar suas experiências, cada sujeito traduziu sua compreensão em ‘atos de currículo’.

O percurso do reconhecimento em atos de currículo

Tomamos como referência, a obra de Paul Ricoeur consagrada ao conceito de reconhecimento, cujo título, “O percurso do reconhecimento” foi publicada na língua francesa em 2004 e traduzida para o português em 2006. O fio condutor do percurso teórico se configurou mediante três estudos: o primeiro se configura numa hermenêutica do reconhecimento como identificação no sentido do identificar/distinguir, ou seja, reconhecer alguma coisa como o mesmo, como idêntico a si mesmo e não como diferente. O percurso seguinte ele discorre sobre o reconhecimento no sentido de reconhecer-se a si mesmo. Nessa perspectiva, ele aborda o tema da identidade em busca do reconhecimento de si culminando com a memória e a promessa na dialética entre a ‘mesmidade’ e a ‘ipseidade’ constitutivos da identidade pessoal. Por fim, chega o filósofo ao seu terceiro estudo com o reconhecimento mútuo continuando com a questão da identidade, onde ele atingirá o ponto fulcral no sentido de perceber nossa identidade mais autêntica como aquela que nos faz ser o que somos e que busca ser reconhecida pelo outro.

O ato de currículo toma o sentido da fecundidade relacional do si com o outro no exercício sofrido de pensar, propor, defender e gerar um novo currículo. A hermenêutica foi se tecendo mediante as narrativas em torno da trama complexa de gestação do novo currículo.

Nessa perspectiva, ao adentrar pela hermenêutica, o estudo realçou a dimensão ontológica na tessitura, onde o ser sendo no mundo, atribuiu sentido a sua ação e criou e recria (seja consciente ou inconscientemente), estratégias políticas para firmar intenções ou posições no seio do grupo. Numa polissemia configurante, o currículo se mostrou no seio das relações, de intenções humanas, de grupos que se articularam, possibilitando assim, uma construção propositiva e provocativa nos ‘atos

currículo' como preconiza Macedo (2011), precisamente ao colocar em evidência o sentido existencial de cada pessoa na experiência de pensar, discutir, propor e gestar o novo currículo para o Curso de Pedagogia.

Ao considerar os 'atos de currículo' como fenômeno, como 'facticidade', percebemos uma experiência profundamente humana cujas pessoas que protagonizaram o desfecho da reforma, estiveram implicadas no processo e foram convocadas a lidar com situações de conflito. Desse modo, ao propor uma hermenêutica do acontecimento, vislumbramos a possibilidade desvelar o jogo de manifestações discursivas como modo de produção de uma política de sentido na arena onde se produziu 'atos de currículo' entre pessoas implicadas no processo (MACEDO, 2011).

Nesse sentido, a pesquisa entrecruzou o conceito de 'atos de currículo' com o conceito de reconhecimento como um arquétipo transitante na trama de significações. E por que o reconhecimento em atos de currículo? Por se tratar de uma pesquisa orientada pela fenomenologia enquanto caminho que visa conhecer a realidade possível no tecido de interrogante das ações humanas, o conceito de reconhecimento foi tomado como um ponto de referência para interpretar o fenômeno do acontecimento da reforma curricular a partir das narrativas emergidas da trama.

O tecer das cores: diferentes tonalidades entre nuances e matizes.

A pesquisa foi desenvolvida na UESB, campus de Jequié, lugar em que plasmou as marcas do acontecimento da reforma curricular do curso de Pedagogia. Mas, por outro lado, destacamos o lugar também concernente às memórias, lugar das operações cognitivas das memórias arquivadas, ou seja, as peripécias guardadas "nos palácios da memória[i]", das experiências vividas por cada protagonista da reforma curricular. Na fenomenologia de lugar da memória, Ricoeur faz a comparação com o espaço de superposição de 'locais' arquitetônicos das construções nos mais variados espaços geográficos configurando sua urbanidade:

Da memória compartilhada passa-se gradativamente à memória coletiva e a suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição: foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzidas a noção de lugar da memória (...). Seja ele espaço de fixação no qual o permanecer, ou espaço de circulação a percorrer, o espaço construído consiste em um sistema de sítios para as interações mais importantes da vida. Narrativa e construção operam um mesmo tipo de inscrição, uma na duração, a outra na dureza do material. Cada novo edifício inscreve-se no espaço urbano como uma narrativa em um meio de intertextualidade (RICOEUR, 2007, p. 157-159)

O filósofo alude ao plano arquitetural das construções para fazer uma analogia com o tempo da história, cujas localizações espaciais correspondem às datas do calendário e o ato de construir análoga a configuração narrativa. A prefiguração do ato arquitetural é o instante do desenho do espaço interior da moradia. Por sua vez o construir remete a configuração da narrativa por composição do enredo e o ato de habitar é resultante do construir aludindo a refiguração da narrativa produzida pelo leitor.

A partir dos dados sinalizados nos documentos escritos, percebemos alguns 'nós' que interpuseram no decorrer do processo da reforma curricular. Assim, sucessivas etapas da reforma foram marcadas num ciclo de alternância entre trabalhos produzidos por pequenos grupos e arquivamento do projeto. As pessoas que vivenciaram essa trama deixaram suas marcas, ocupando assim, a posição de testemunhas do acontecimento. Ao fazer o entrecruzamento entre as fontes (documentos escritos e entrevistas) para melhor amparar o registro do acontecimento, Ricoeur (2007) reconhece que é um procedimento vigoroso ao se fazer a dialética entre o indício e o testemunho como meio para alcançar consistência nos rastros da prova documental.

Na tentativa de preservar o anonimato dos participantes, cada pessoa escolheu uma cor como forma de serem identificadas. Participaram doze professores que atuaram nas comissões em quatro períodos da reforma, bem como, três alunos egressos do curso de Pedagogia.

Atos de reconhecimento de si

O reconhecimento de si está intimamente ligado à atestação: “Reconheço que fiz isso”, “reconheço que sou assim”. Por que escolhemos este ou aquele caminho, estar neste ou naquele lugar, fazer isto ou aquilo? Quem fala por nós quando escolhemos fazer alguma coisa ou participar de determinado evento? O homem diante da obra que é sua própria vida é personagem na ação e o momento reflexivo da práxis ajuda reconhecer intenções e interesses moventes das ações. Nesse sentido:

Duas coisas são fundamentalmente estimáveis em si mesmas: primeiro a capacidade de agir *intencionalmente*, em seguida, a capacidade de introduzir mudanças no curso das coisas, de começar alguma coisa no mundo, em poucas palavras, a capacidade de *iniciativa*. Nesse sentido, a estima de si é o momento reflexivo da *práxis*: é apreciando nossas ações que apreciamos a nós mesmos como sendo autores delas e, portanto, como sendo outra coisa que simples força de natureza ou simples instrumentos (RICOEUR, 1991, p. 162. Grifo do autor).

Desse modo, se reconhecemos que nossas ações/palavras não são simples instrumento ou produto do acaso, damos conta que são discursos consubstanciados por intencionalidades e o reconhecimento de si através da memória ajuda a rememorar essas ações com vistas à refiguração para o cumprimento das promessas.

Dito isso, o recurso da memória para o reconhecimento de si é necessário para irmos ao passado e configurarmos as lembranças na ação reflexiva (práxis), a fim de encontrar o autêntico entendimento dos motivos associados à intenção: “lembrar-se é não esquecer, cumprir uma promessa é não traí-la” (RICOEUR, 2006b, p. 124). Quando a intenção ética não trás em si mesmo seu caráter reflexivo, há a ameaça de dobrar-se sobre o eu, fechando-se ao outro.

No tocante ao reconhecimento de si, uma fenomenologia do homem capaz suscita o ‘narrar-se’ como caminho para o homem exercitar sua imaginação ao criar suas próprias expectativas em torno de sua obra apresentada ao mundo, e, além disso, essa obra é constituída por uma intenção ética. O homem diante da obra que é sua própria vida é personagem na ação e o momento reflexivo da práxis ajuda reconhecer intenções e interesses moventes das ações.

Queria muito juntar as mãos com outros colegas que se dispusessem e eu encontrei de volta o silêncio. Muita gente preocupada com sua própria disciplina, sem compreender que sua disciplina era um ponto de encontro com as outras, e as pessoas se isolam. (AMARELO)

Parece-me que as pessoas não estão despidas de suas vaidades para pensar o curso, me parece que elas estão negociando terrenos privados de conhecimentos, e não um terreno coletivo do conhecimento, eu acho que isso é uma grande questão, (...) (CARMIM)

Menina, é...eu acho que em alguns momentos eu tenho medo das minhas memórias (riso), talvez não...porque é assim, pensar no passado, pensar no meu percurso, é pensar também na minha atuação, e em determinadas situações é...eu acho que a gente fica se auto avaliando, como foi que me posicionei? Porque que não fiz diferente? Rememorar eu acho que é reviver, então durante esse

momento desta nossa conversa, te digo que em alguns momentos me senti angustiada porque eu relembrei algumas angústias, em outro momento eu me senti feliz porque eu lembrei também de um momento feliz que tive de partilha decisões (BRANCO).

...eu acho que eu até acreditava mais nas pessoas, mas eu vi que o discurso, ele é muito às vezes distante do que a pessoa realmente pensa, o que ela verbaliza, muitas vezes é distante do que ela realmente pensa e da forma como ela conduz a vida. É bom para o outro, mas não é bom pra mim, então eu quero que o outro faça algo que eu não faço. Então isso me fez até ler um pouco das entrelinhas daquilo que as pessoas falam e até aquilo que realmente as pessoas queiram que você faça pra elas, a forma como você deve agir (VERMELHO).

No acontecimento da reforma curricular, Cada pessoa mergulhada nos próprios projetos tem dificuldade de se deslocar em direção ao outro. Nem sempre o ato utópico da promessa consegue fazer cumprir a palavra. Para Ricoeur (2005, p.5)[ii]: “O passado aparece-nos como povoado de projetos, muitos dos quais ficaram incumpridos, fazendo assim da História o grande cemitério das promessas, não mantidas, do passado”. O mesmo homem que promete se contradiz por ser falível e na falta de acordo de si mesmo com outro, seu projeto de ‘vida boa’ termina por sucumbir e quando isso acontece nenhuma regra de reciprocidade é possível.

Quais os mentores dessa reforma? A quem destinava? Essa interação entre o “eu e o tu” torna-se uma relação capaz de criar sujeitos de direito, haja vista que, quando o eu se vê no tu, acontece o que Ricoeur (2006a) chama de si mesmo como outro. A construção, divulgação e discussão das propostas e sugestões contidas na versão preliminar da reforma, não foram acolhidas de imediato e rompeu com a inércia da relação entre o ‘eu-tu’, sendo inserida em um contexto de falsa veracidade, de dúvida em relação à sinceridade de quem vivenciou o acontecido, já que eu só posso me ver no outro.

Na hermenêutica do si mesmo, a fragilidade humana se ampara na vestidura das vaidades. As narrativas denunciam que a vaidade distorce as ações e camufla as intenções. As negociações foram negadas por ser adotada atitude personalista. Há nessa ação motivos também ocultos que mascaram as próprias fraquezas humanas. A vaidade termina sendo um meio para não mostrar ao outro o quanto somos falíveis e que estamos sujeitos a não corresponder com as expectativas que esse outro tem em relação ao que podemos oferecer. E por que necessitamos nos firmar usando o traje da vaidade? O diálogo com Ricoeur (2006a) nos ajudou mais uma vez a fazer essa hermenêutica. Nesse sentido, a ação humana vaidosa no seu avesso encontra a fragilidade. Os agentes tiveram dificuldade em compartilhar os diálogos. Assim, no reconhecimento de si exploramos o contraditório que habita em nós.

Atos de reconhecimento mútuo

No percurso do reconhecimento mútuo, Ricoeur (2006b) investe seu esforço filosófico no sentido de caracterizar o humano pelo poder de agir como sujeito ‘capaz’, dotado de capacidades, potencialidades e disposições, cuja realização só pode ser alcançada no nível intersubjetivo entre práticas sociais e representações coletivas. Todavia para alcançar o ‘estado de paz’, o homem sofre o indizível, já que suas peripécias na esfera social precisa de reconhecimento recíproco. A luta travada é para garantir seu pertencimento na esfera social, cuja trama se organiza de maneira velada fazendo a luta se tornar desigual e sofrida.

Alcançar o reconhecimento mútuo é muito difícil em nossa sociedade tão desigual e concebida pelas relações de conflitos e disputas. Tais conflitos apareceram em diversos momentos do acontecimento da reforma curricular entre os membros das comissões. No calor das narrativas predominou a

denúncia de vozes silenciada numa luta desigual. Em outros momentos a luta se pautou na busca do reconhecimento pelo tempo dedicado ao trabalho na comissão, por isso, o mínimo que se busca é o respeito e valorização do trabalho dedicado. Encontra aí a luta pelo reconhecimento na saga heroica de pertença social.

Muitas vezes a Comissão, como talvez pela própria natureza da Comissão que tem que tomar decisões e tem que propor algo, ela acaba sendo soberana em relação o grupo... Eu sempre argumento o seguinte, Bom! Se ela foi constituída pra isso, ela tem que fazer o papel dela, tem que cumpri o papel dela, se abrir muito então acaba perdendo a sua função. Então não dá pra ser tão democrática, abrir pra todo mundo e ouvir todas as vozes, isso em relação da Comissão em relação ao grupo de professores do Colegiado ou do curso. E é provável que dentro da própria Comissão, alguém acabe fazendo sua voz prevalecer (CINZA).

Eu acho que o primeiro passo realmente seria promover uma discussão ampla com professores, com discentes, convidando inclusive professores pessoas que tenha participado de outras propostas de reformulação em outras instituições, fazer um momento mesmo coletivo do que seria, o que é essa reformulação, da importância dela, e dentro dessa primeira discussão geral, leva em consideração um diagnóstico do perfil desses alunos que são atendidos pelo curso também de Pedagogia, da realidade local onde a universidade esta situada e após isso, nesse momento coletivo escolher sim, criar uma Comissão pra poder fazer a discussão dessa reformulação, uma Comissão representativa mais garantindo também uma participação maior dos estudantes (MARRON- discente egresso).

Com isso aprendi que espaço de educação, é uma disputa ideológica. Então acompanhar esse processo foi para além de enxergar além de um papel que o currículo é. Antes pra mim currículo era apenas um documento nada a ver, aí depois que participei desse momento na faculdade aprendi que currículo é espaço de poder, de disputa e tenho outra visão qual a importância do currículo escolar para a educação para o cotidiano da escola. Porque o currículo é a matriz é o que diz da educação qual educação você vai querer. Então o currículo que diz isso. (TURQUESA-discente egresso).

Então tem pessoas que tem uma fala, que é uma fala que diz assim “Essa é!”, e aí de certa forma é enfática, ela acaba não sei se é convencendo o outro, mas isso me deixa muito forte, porque tem pessoas que roubam a cena no discurso e nesse momento quem tem o discurso menos enfático, não é que ele abra mão do desejo, mas é que ele diz assim ?Será que eu estou certo mesmo? Será que é isso mesmo?? e acaba se submetendo mesmo que lá na frente venha sofrer essas frustrações, ali adiante (LARANJA).

É guerra de braço como a gente fala, é cada um... aquela brincadeira de criança, você pega a corda lá, eu pego a corda aqui, vê quem puxa a corda mais forte no grupo, eu me sentia desse jeito assim. (...) falava um monte de pedagogo aqui dentro e ficava essa guerra louca aí. Eu me sentia meio misturada aí dentro, eu não dominava, não é uma discussão que eu domino então tinha hora que ficava quieta porque tem horas que você não sabe até onde pode avançar ainda que você perceba os equívocos. Eu ficava meio sem jeito porque você não é pedagoga! Então você não tem cabeça, moral pra botar banca ali, é como se colocasse a gente a parte, era assim que eu me sentia. (VERDE)

E confesso de novo pra você, eu tenho uma grande preocupação, como que a pessoa vai ‘sair do seu quadrado’ para lembrar que junto dele tem outro ‘quadrado’. Como que aquela disciplina vai entrar entre a outra na cabeça do aluno? Na vivência do currículo, eu tô achando um pouco difícil isso, porque você está fazendo o seu pedaço é uma coisa, você está dialogando com outro, é outra coisa. É mais trabalho. Vê o que a gente pode fazer em conjunto, enfim, é uma pessoa sair de si e ir ao

encontro com o outro. (AMARELO)

O conflito acontece até que se chegue ao reconhecimento mútuo, por se tratar de encontros entre os diferentes. Com esse entendimento, ainda que os conflitos tenham ocorrido no processo da reforma curricular e a luta pela busca de reconhecimento tenha marcado participações atreladas a interesses pessoais, houve também participação de pessoas dispostas a operações de reconhecimento pela troca entre parceiros gerada pela regra de equivalência regida pelas relações de justiça. Dessa troca o interesse se firmou em contribuir sem almejar reconhecimento social por suas ações. O reconhecimento descolado do ‘eu’ encontra o si outro para criar potência de vontade com vistas a trabalhar e se envolver no acontecimento em favor da ‘mutualidade’ das relações entre os indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos com a pesquisa, fazer uma hermenêutica em torno da trama no sentido de ir tecendo os fios pelos diferentes caminhos percorridos pelos sujeitos a fim de configurar e refigurar as narrativas produzidas no decorrer das conversas e deliberações no processo da reforma curricular. Algumas situações escaparam à memória dos sujeitos envolvidos, e o resgate dos acontecimentos foi se tecendo a partir do material rememorado por cada pessoa que participou da trama. As falas foram se oferecendo para a escrita e a refiguração do texto foi se fazendo paulatinamente.

A costura do estudo possibilitou explorar o conceito de atos de currículo cunhado por Macedo, quando ele fala em práticas educacionais implicadas responsabilmente nos espaços formativos para se plasmar atos de currículo entre pessoas responsáveis pela formação de outros sujeitos. Com esse entendimento tracejamos o pensamento para os atos de reconhecimento no sentido de perceber o discurso como potência criadora da ação. Para tanto, fazer uma aproximação com a hermenêutica de Paul Ricoeur foi fecundo com vistas a explorar questões relativas aos sentidos relativos ao que podemos considerar instituições justas ou injustas, homens capazes, também sobre os discursos velados pelos múltiplos sentidos, bem como, identidade narrativa como expressão do si mesmo com o outro. O estudo possibilitou ousar pensar uma pesquisa empírica tecida pelos conceitos filosóficos cunhados por Paul Ricoeur, na aventura de uma hermenêutica fenomenológica do reconhecimento.

Por outro lado, o encontro com os sujeitos da pesquisa nos impulsionou a pensar que é hora de “despertar” para atos de currículo com engajamento coletivo dentro das instituições de ensino. As políticas de sentido plasmadas no contexto da reforma curricular foram conduzidas por discursos encarnados no personalismo entre sujeitos e grupos articulados dentro das Comissões para firmar uma política de sentido pautada em circunstâncias que realçaram as fraquezas e a falibilidade humana. Pensar uma instituição mais justa subtende-se propiciar condições de trabalho de modo que os sujeitos se envolvam responsabilmente, ou seja, se impliquem em ações colaborativas tendo encontros para debates que suscitem a reflexão dos sujeitos atentos aos problemas localizados no interior dos currículos pensados e gestados nas instituições de ensino.

REFERÊNCIAS

CRITELLI, Dulce Mára. **A analítica de sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenologia**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GALEFFI, Dante. "O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar". In: MACEDO, Roberto; GALEFFI, Dante. PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

GIORGI, Amadeo. "Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação". In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológico e metodológico**. Trad. Ana Cristina Nasser. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amália Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo formação em ato?: para compreender, entender e problematizar currículo e formação**. Ilhéus: Editus, 2011.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

RICOEUR, Paul. **L'identité narrative. Esprit**, Paris, 1991.

RICOEUR, Paul. **Revista Viragem**, número 21 (1996), pp. 26-29. Republicado in: Fernanda HENRIQUES (org.), "Paul Ricoeur e a Simbólica do Mal". Porto, Edições Afrontamento, 2005, pp. 35-40.

RICOEUR, Paul. **Sí mismo como otro**. Trad. Carlos Palletro. 3ª Ed. Español. Madri: Siglo XXI Editores, 2006a.

RICOEUR, Paul. **Percurso do reconhecimento**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006b.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. Trad. Hilton Japiassu. Petrópolis: Vozes, 2008.

[1] Na obra: “O percurso do reconhecimento” (2006), Ricoeur cita as “Confissões de Santo Agostinho”, do Livro X onde ele abre com um hino à memória com a metáfora dos “vastos palácios da memória”.

[2] Publicado em *Esprit*, No 210 (1995), pp. 77-82. Texto de uma conferência proferida no Templo da Estrela, na série “Dieu est-il crédible?”. O título foi-lhe atribuído pelos organizadores. Foi pela primeira vez publicada em português na revista *Viragem*, no21 (1996), pp. 26-29, e republicado in: Fernanda HENRIQUES (org.), *Paul Ricoeur e a Simbólica do Mal*, Porto, Edições Afrontamento, 2005, pp. 35-40.

* Doutora em Educação. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias (GEHFTIM). E-mail: sandraso.s@hotmail.com